

Imagem Resgatada

A tormentosa viagem das artes plásticas durante todo o século XX, entre fracturas impensáveis, espalhou os fragmentos de cada *desconstrução* por uma espécie de oficina imaginária onde grupos de criadores, a par de artistas solitários, tratam de realizar a mais complexa *autópsia* de sempre: separar géneros e correntes estéticas, decapar velaturas e cores, dividir percepções e conceitos estabelecidos, fórmulas técnicas e composições pesadas. Poderia, apesar disso, pensar-se na imagem como resultado das pesquisas inerentes àquele trabalho revolucionário. Mas não: no caso da pintura, sobrou aquilo a que se chamou a sua *essência*, a *cor*. E a cor passou a ordenar tudo, envolvida ou denotando a linha. A imagem do visível foi perdendo a opacidade ou o brilho do real. O real *impossível*, talvez coisas da física, da química, da biologia, mas certamente pouco críveis para a aventura poética que substituiria quase por completo a *paisagem* da sua *geometria*.

Bernardo Pinto de Almeida, ao escrever sobre a obra representativa de Alexandre Cabrita, intitula a sua reflexão com a frase «a desmedida vocação da imagem», deixando-nos assim a pensar nesse destino. Ora a imagem refere tudo o que nos envolve, a própria arte, mesmo a mais minimalista, é indubitavelmente imagem, representação, expressão, forma de reconhecer e denotar em vários canais que nos mobilizam no âmbito de uma complexa teia de informação. É nesta faixa de retornos à necessidade de ver com todos os instrumentos, os biológicos e os mecânicos, que se situam de novo artistas como Alexandre Cabrita. O que os artistas da representação

recuperam da memória histórica e da sensibilidade estética não se cola, em teimosa imitação de meios e aparência, aos exemplos ditos da antiguidade clássica, nem aos realismos mais conservadores. Acontece, afinal, que eles sabem anotar, como se enumerassem, combinados modelos do mundo construído e dados abertos do espectáculo natural que se situa muito para lá do cenário urbano, outras paisagens, a Natureza. Muitos destes autores actuais o que procuram, sem mácula ou perda de experiências decisivas, é *resgatar a imagem*, tentando então perceber com maior propriedade o sentido da sua *desmedida vocação* perante o visível, que grandeza aí reside, que novos caminhos se desenvolvem a partir daí.

Esta cultura a retomar-se, segundo diversos modelos técnicos, vive em parte dos processos mediáticos, entre a fotografia e o cinema, embora se dissocie da mera imitação. A imagem, em Alexandre Cabrita e depois de resgatada, lembra de facto uma pintura ou a sequência de certo filme, um plano, um corte que recompõe cenas ou instantes, *frame voraz* da pressa do aparecimento. Como refere Bernardo Pinto de Almeida, «o artista conduz-nos através de falsas pistas até ao momento do confronto com os próprios abismos desse reconhecimento último e brutal do nosso engano.» **JL RS**